

DECOLONIALIDADE NAS IMPLICÂNCIAS DE LIMA BARRETO

Renato Modeneze do Nascimento¹

Lilian Florêncio de Godoy²

Maria de Fátima Guimarães³

Resumo: Lima Barreto, escritor carioca, negro e pobre, registra nas suas obras o que sentia por ser discriminado por sua origem étnica e condição social, nas primeiras décadas do século XX. O Brasil atravessava um período de mudanças que mobilizavam tensões e conflitos socioculturais entre os distintos grupos que compunham esse cenário. Algumas dessas mudanças impuseram duras experiências a Lima Barreto e aos grupos menos abastados. Ele denunciou os contrassensos de tais mudanças com críticas ousadas através de seus artigos, os quais renderam-lhe alguns problemas e inimigos. As propostas deste artigo, vinculado a uma pesquisa em andamento de mestrado, são flagrar estas críticas ou, segundo Lima Barreto suas “implicâncias”, e analisar se elas suscitam aproximações com questões decoloniais, considerando-se as contribuições teóricas de Aníbal Quijano, Enrique Dussel e Walter Mignolo.

Palavras-chave: Lima Barreto; literatura; decolonialidade.

Considerações iniciais

Qual é a origem dos nossos padrões de beleza, de educação e de civilidade? Por que os nossos referenciais estão sustentados sobre padrões econômicos, políticos, culturais, religiosos e morais eurocêntricos, ou seja, judaicos e cristãos, brancos, ocidentais. Por que internalizamos (quase naturalizamos) os referenciais do “Norte” como verdade, como um ponto de vista neutro e absoluto?

Essas e outras questões fazem parte das discussões do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), formado no final dos anos 1990 por intelectuais de diversas áreas do conhecimento e diversas nacionalidades, mas que têm em comum, o fato de proporem estudos sobre o processo de construção de uma visão periférica da América Latina. A sugestão desses intelectuais é que a colonização da América, por países europeus (séculos XV a XIX), e posteriormente da África e Ásia (neo-colonialismo nos séculos XVIII a XX) marcaram a história mundial, determinando muitas permanências dessa colonização no presente. Essas permanências são resquícios dos processos violentos de colonização da América Latina, África e Ásia. Decorrem de tais permanências marcas profundas no pensamento mundial, a partir das quais se definem as regiões centrais e periféricas do mundo. Uma pretensa superioridade cultural do Norte justificaria a relação de dominação e expropriação das regiões ditas periféricas, localizadas no Sul, dando origem a “colonialidade”. Em outras palavras, propõem que o fim do colonialismo (processo histórico de independência das colônias na América Latina, África e Ásia), não indica, definitivamente, o fim da “colonialidade”, posto que de acordo com Quijano (2009, p. 73): “Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado ao Colonialismo. [...] O Colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoura que o Colonialismo”.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade São Francisco (USF) em Itatiba/SP; Especialista em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP; Graduado em História e Pedagogia; Membro do Grupo de Pesquisa Rastros: História, Memória e Educação, certificado pelo CNPq. E-mail: renaton82@gmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela USF em Itatiba/SP; Membro do Grupo de Pesquisa Rastros: História, Memória e Educação.

³ Profa. Adjunta do PPGSS em Educação da USF. Líder do Grupo de Pesquisa Rastros: História, Memória e Educação.

Este trabalho propõe algumas aproximações entre as críticas ou “implicâncias” de Lima Barreto e alguns conceitos criados e/ou aprofundados pelos integrantes do Grupo M/C, sobretudo Aníbal Quijano, Enrique Dussel e Walter Mignolo,⁴ sem descuidar do distanciamento contextual exigido para tal comparação, considerando-se que Lima Barreto escreve do Rio de Janeiro, no início do século XX.

Pensamentos decoloniais

Nos rastros da composição do pensamento decolonial, Ballestrin (2013) construiu uma genealogia. Aborda inicialmente o “pós-colonialismo”, que se refere ao conjunto de contribuições teóricas que se tornaram moda acadêmica nos Estados Unidos e na Inglaterra, nos anos de 1980. Após, focaliza o “Grupo de Estudos Subalternos”, formado nos anos 1970, no Sul asiático, que acabou por reforçar, posteriormente, os estudos pós-coloniais. Inspirado principalmente neste último, em 1992, nos Estados Unidos, surgiu o Grupo Latino-americano dos Estudos Subalternos, formado por um grupo de intelectuais latino-americanos e americanistas que lá viviam. Eles inseriram a América Latina no debate pós-colonial. Porém, poucos anos depois, alguns integrantes desse grupo perceberam peculiaridades no processo histórico de colonização da América Latina que não permitiriam pensa-lo a partir dos mesmos pressupostos da Ásia, em decorrência da influência dos Estados Unidos na economia dos países latino-americanos (BALLESTRIN, 2013). Devido a essa divergência teórica, o grupo latino-americano, ainda ligado aos estudos subalternos desagregou-se em 1998. Nesse mesmo ano, ocorreram os primeiros encontros dos membros que posteriormente formariam o Grupo Modernidade/Colonialidade.

Ballestrin (2013) destaca também que muitos dos integrantes do Grupo M/C já haviam desenvolvido, desde os anos 1970, linhas de pensamento próprias, como Dussel (Filosofia da Libertação) e Quijano (Teoria da Dependência), as quais foram incorporadas aos estudos do grupo. O conceito de “colonialidade do poder”, por exemplo, já havia sido desenvolvido por Aníbal Quijano em 1989 e é amplamente explorado pelo grupo, trazendo a ideia de que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com o fim do colonialismo e, posteriormente, passou a ser considerada ainda para outras dimensões, como a “do saber”, “do ser”, que segundo Ballestrin (2013) foram desenvolvidos por Mignolo e, mais recentemente, “da natureza”, que segundo Paim (2016), foi aprofundado por Catherine Walsh.

Outros conceitos e ideias muito importantes para esta pesquisa foram desenvolvidos e aprofundados pelos intelectuais do Grupo M/C, como a ideia de que com a conquista das Américas, surgiu um tipo de classificação social: a ideia de raça, desenvolvida por Quijano (2009); o conceito de “Mito da Modernidade”, desenvolvido por Dussel (1993), no qual ele considera que a modernidade foi assentada nos pilares de “racialização”, eurocentrismo, violência e subjugação. As potencialidades dos estudos decoloniais não se restringem à produção do Grupo M/C e vêm sendo exploradas por tantos outros intelectuais, porém, sempre orientadas por alguns pressupostos desse Grupo. Paim (2016) procurou condensar os principais a partir da leitura de diversos autores (MARIN, 2013; SILVA, 2013; SANTOS, 2009; NUNES, 2009; GROSGOUEL, 2009; GOMES, 2009), no que chamou de “emaranhado de vozes”:

- a. A decolonização necessita buscar a desconstrução das metas narrativas sobre a modernização, racionalização e progresso procurando restaurar as vozes, as experiências, as identidades, as

⁴ Quijano é um sociólogo peruano que atua no seu próprio país; Dussel um filósofo argentino que atua numa universidade no México; e Mignolo estudioso argentino da semiótica que atua numa universidade nos Estados Unidos; os três integram o Grupo M/C (BALLESTRIN, 2013, p. 98).

histórias dos subalternos e a importância das comunidades periféricas, [...] Portanto, busca-se desfazer a cultura do silêncio, as contradições opressor-oprimido [...];

- b. A decolonização pauta-se numa epistemologia que abrange todos os saberes [...] sem hierarquização [...];
- c. A decolonização acontece num contexto de luta contra uma monocultura do saber, [...];
- d. A decolonização considera que muitos dos problemas com que hoje se debate o mundo decorrem [...] da experiência que o ocidente impôs ao mundo pela força, [...]; (PAIM, 2016, p. 151-152).

Outra consideração indispensável do Grupo M/C é de que a origem do pensamento decolonial é mais remota que os anos 1990, emergindo como contrapartida desde a fundação da modernidade/colonialidade. Essa ideia é compartilhada por Mignolo (2008, p. 258 *apud* BALLESTRIN, 2013, p. 106), ao propor uma lista de personagens e movimentos sociais atuantes desde o fim do século XIX, de diferentes lugares do mundo, os quais, ainda que independentes entre si, possuem em comum, princípios decoloniais; e por Dussel (1993), ao apropriar-se de discursos de intelectuais espanhóis contemporâneos à colonização da América Latina, entre eles o de Bartolomeu de las Casas⁵, o qual denunciou a “falsidade” por trás do discurso que pretendia justificar a violência contra os nativos.

Decolonialidade nas implicâncias de Lima Barreto

Nessa perspectiva, no esteio de Mignolo e Dussel, é que segue este artigo ao analisar e comparar alguns conceitos decoloniais com algumas críticas ou “implicâncias” de Lima Barreto, localizadas, sobretudo, na sua obra *Os Bruzundangas*. Crítico mordaz de personagens, grupos, costumes, vícios e instituições conhecidas e atuantes, sobretudo, no Rio de Janeiro nas duas primeiras décadas do século XX, num momento, segundo Lima Barreto (2004, p. 53), em que o tom geral da literatura era determinado por “(...) sonetos bem rimadinhos, penteadinhos, perfumadinhos, lambidinhos”. Sua irreverência custou-lhe não ser bem quisto entre os representantes da elite literária, tendo tido sua obra reconhecida e valorizada apenas décadas após sua morte, conforme Resende⁶ no prefácio da primeira biografia sobre o autor de 1952: “Até a publicação desta biografia, a fortuna crítica de Lima Barreto se resumia à crítica que lhe foi contemporânea, alguns prefácios, um ou outro estudo breve” (BARBOSA, 2002, p. 18).

A virada do século XIX para o XX é marcada por mudanças no cenário mundial, muitas delas iniciadas na Europa, mas que se expandem para outros continentes. Algumas dessas foram consideradas por Bueno (2007), ao apropriar-se de diferentes historiadores (HOBSBAWN, 1988; GAY, 1988; SEVCENKO, 1998) para compor o cenário histórico do período, sobretudo de acontecimentos que reverberaram no Brasil. Nesse cenário considerou a “crença sincera no progresso” por parte dos burgueses; a “Revolução Científico-Tecnológica”, com novidades relacionadas aos novos potenciais energéticos (eletricidade e derivados do petróleo), desenvolvimento da microbiologia, farmacologia, medicina que pareciam garantir o prolongamento da vida; as “novas maneiras de sentir e agir” no espaço urbano; e a Primeira Guerra Mundial. Para compor o cenário brasileiro do período, imbricado nas mudanças

⁵ Bartolomeu de las Casas nasceu em 1484, em Sevilha e faleceu em 18 de julho de 1566, em Madri, ambas Espanha. Foi um frade dominicano, teólogo, bispo de Chiapas e grande defensor dos índios.

⁶ Beatriz Resende é autora, dentre outras obras, de *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos* e organizadora, entre outras obras, de *Toda crônica* (reunião das crônicas de Lima Barreto). (Texto informado pelo autor) Disponível em: <<https://elmcip.net/person/beatriz-resende>>. Acessado em: 26 jun. 2018.

mundiais, fomos ao encontro de outros historiadores (NAXARA, 2001; FAUSTO, 2001; SEVCENKO, 1998; LOPES, 2001) para destacarmos outros aspectos, entre eles, a recente abolição da escravidão; a “maciça imigração europeia”; a cafeicultura; a industrialização; os interesses na “escolarização e letramento” da população que ganhavam vigor; a recente transição de Monarquia para República; a laicização do Estado brasileiro; alterações nos pré-requisitos para o voto; as novidades tecnológicas que impactavam os moradores das grandes cidades num Brasil ainda rural; a eclosão de movimentos sociais; o aumento de epidemias nos grandes centros urbanos; e a implementação do projeto de reurbanização e saneamento do Rio de Janeiro. É indispensável lembrar que, como o Rio de Janeiro era a então capital do Brasil, todas essas mudanças tenderam a se iniciar lá ou pelo menos a impactavam diretamente.

Dois fatores foram comuns a todas essas mudanças pelas quais o Brasil atravessava - a exclusão social e o aumento da pobreza. Estes fatores tinham relação com a origem étnica da população e a desvalorização da cultura local, matizada pela oralidade, forte presença da influência e de elementos de origem negra e indígena. Lima Barreto notou e denunciou todos esses contrassensos com críticas que o aproximam do pensamento decolonial e de suas categorias, como: o eurocentrismo, a “radicalização”, à “colonialidade do poder” e “do saber”. De fato, as “implicâncias” de Lima Barreto dificultaram que fosse classificado e enquadrado em algum grupo ou teoria literária; ele era um autor incompreendido e suas críticas mordazes. Ele próprio registrou (*apud* SEVCENKO, 1999, p. 189): “O que tenho são implicâncias parvas [...] e não é em nome de teoria alguma, porque não sou republicano, não sou socialista, não sou anarquista, não sou nada: tenho implicâncias”. Nos rastros dessas implicâncias, ainda muito atuais, é que avança nossa pesquisa, não com a proposta de classifica-las, mas de propor algumas aproximações aos estudos decoloniais.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o Giro Decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, Brasília, maio-ago. 2013.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. 3. ed. 8. imp. São Paulo: Ática, 2004.

BUENO, Maria de Fátima Guimarães. *O Corpo e as Sensibilidades Modernas: Bragança (1900-1920)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Área da Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, 2007.

DUSSEL, Enrique. *1492 – O encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade*. Trad. Jaime. A. Clasen, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1993.

LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em Movimento: Quadros Médicos e(m) História – 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. 136 p.

MIGNOLO, Walter D. *A colonialidade de cabo a rabo: hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

PAIM, Elison Antônio. Para Além das Leis: o ensino de culturas e histórias africanas, afrodescendentes e indígenas como decolonização do ensino de história. In MOLINA, Ana Heloisa; FERREIRA, Carlos Augusto Lima. *Entre Textos e Contextos: caminhos do ensino de História*. Curitiba: Editora CRV, 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In SANTOS, Boaventura Souza; MENEZES, Maria de Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina AS, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste Visionário*. 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1999.